

# REFLEXOS DA CONJURAÇÃO MINEIRA NA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO

Thalita de Oliveira CASADEI

No século XVIII, a chamada Capitania do Rio de Janeiro compreendia o que hoje são os Estados do Rio, São Paulo e Minas Gerais. Como consequência de duas revoltas, esse grande território foi, por duas vezes, seccionado. Após a chamada Guerra dos Emboabas, a Capitania do Rio de Janeiro foi separada da Capitania de Minas do Ouro, que em suas terras englobava, também, São Paulo, de onde saíram os descobridores de ouro e diamantes. Mais tarde, vencida a Revolta de Vila Rica, também conhecida como Revolta de Felipe dos Santos, houve nova divisão para melhor se administrar a terra: foi separada a Capitania de Minas Gerais da de São Paulo, nessa ocasião criada.

Levando em conta as considerações acima feitas, podemos compreender que a terra fluminense não existia isolada, nem histórica e nem geograficamente falando. Os caminhos que levavam do Rio de Janeiro a Minas passavam pela terra fluminense, não só o caminho dos Goianá, depois Caminho Velho, meio marítimo, meio terrestre, em seus primórdios, assim como o Caminho Novo. O primeiro deles só agora está sofrendo concertos de vulto e retificações, e para o qual, certa ocasião, pedimos ao então Governador do Estado do Rio, Dr. Raimundo Padilha, em ofício entregue pelo Embaixador Paschoal Carlos Magno, o nome de “ESTRADA INCONFIDENTE AMARAL GURGEL”. Justificamos o nosso pedido dizendo que, de Parati, saiu o jovem Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, provavelmente por aquele caminho e, nas Minas Gerais, por ter pedido emprestado um Dicionário de Francês a Tiradentes, foi envolvido na trama que culminou com a sua deportação para a África, juntamente com outros vultos tão inocentes quanto ele.

Já é tempo que se faça alguma coisa para perpetuar o nome desse fluminense que, ao partir para o degrêdo, pediu a devolução do seu material cirúrgico para usá-lo em terras africanas, onde viveu, constituiu família e morreu.

Com a abertura do Caminho Novo, em princípios do Século XVIII, ainda cortando as terras fluminenses, vamos encontrar o Alferes de Cavalaria, Joaquim José da Silva Xavier, comandando a Patrulha do Caminho Novo e bastante relacionado no trajeto que, de Barbacena, levava ao Rio de Janeiro. O Caminho era longo e obrigava a paradas em pousos ou estalagens e sempre, pelo seu gênio alegre, o Alferes era bem recebido nesses locais e nas fazendas existentes nesse percurso, como a de Cebolas, no atual município de Paraíba do Sul. Confirmando isso, temos a notícia que, depois do suplício, um dos membros de seu corpo foi ali exposto para exemplar o povo...

Anos antes, nessa mesma Paraíba do Sul, separada do território mineiro pelo rio Paraibuna, dizem ter sido batizada a menina Cândida Mariana de Oliveira Bello, nascida no Registro da Paraibuna e filha do português Coronel Luís Alves de Freitas Bello e da mineira Ana Quitéria Joaquina de Oliveira. Seu pai era, na época, administrador do Registro, ponto de parada obrigatória a quem se dirigia para o interior do Brasil. O Coronel e mais dois irmãos foram ouvidos por ocasião da Devassa e protestaram inocência, o que muito os aborreceu, mesmo considerados inocentes.

Anos depois, a menina Cândida Mariana, já moça, casou-se com o Tenente de Fuzileiros, Francisco de Lima e Silva, sendo mãe do futuro Duque de Caxias.

O Coronel Freitas Bello tinha outra filha que se casou com o português Joaquim Silvério dos Reis, o delator do movimento planejado por aqueles patriotas em Minas Gerais. Chamava-se ela Bernardina Quitéria, e desse modo Joaquim Silvério dos Reis passou a ser tio, por afinidade, de Luís Alves de Lima, o Pacificador.

Após a Devassa, o Coronel Freitas Bello mudou-se para Campos, ao norte da Capitania, e foi administrador das fazendas do Visconde de Asseca, por volta de 1793. Para a mesma região, São Salvador dos Campos dos Goitacazes, levou seu genro português e, em 1796,

segundo Alberto Lamego, os moradores da Vila representaram ao Rei contra os dois conterrâneos. Na história dessa região encontramos, mais tarde, seu filho Joaquim Silvério dos Reis Montenegro, sobrenome que tomou o Delator e que foi adotado por seus filhos e netos. Em 1833, a Regência Trina, da qual fazia parte Francisco de Lima e Silva, nomeou, para Coronel Chefe da Legião da Guarda Nacional daquela Vila, o citado Montenegro.

Paraíba do Sul num extremo, Campos no outro e, no meio, a Vila da Estrela, hoje extinta, local onde nasceu Luís Alves de Lima, da estirpe dos Lima e Silva, que tantos nomes fluminenses deu à Pátria Brasileira, colocam a velha Província dentro dos grandes movimentos nacionalistas.